

# Portugal tem dos trabalhadores mais insatisfeitos da Europa

É o país europeu onde os trabalhadores menos se sentem satisfeitos com o seu trabalho. Na União Europeia, 43,8% dizem-se muito satisfeitos, mas em Portugal a percentagem fica-se pelos 21,6%

**Rafael Pereira Oliveira**

Em 2021, mais de quatro milhões de pessoas revelaram que trabalhar em Portugal está longe de ser sinónimo de felicidade. Baixos salários, vínculos precários, carga horária excessiva, gestões autoritárias e estagnação profissional estão entre as principais justificações num mercado de trabalho onde poucos se sentem felizes.

Foi neste ano que mais de 197 milhões de trabalhadores na União Europeia foram entrevistados sobre o nível de satisfação laboral. Os dados reunidos pelo Eurostat mostram que 43,8% das pessoas estavam “muito satisfeitas” com a condição profissional.

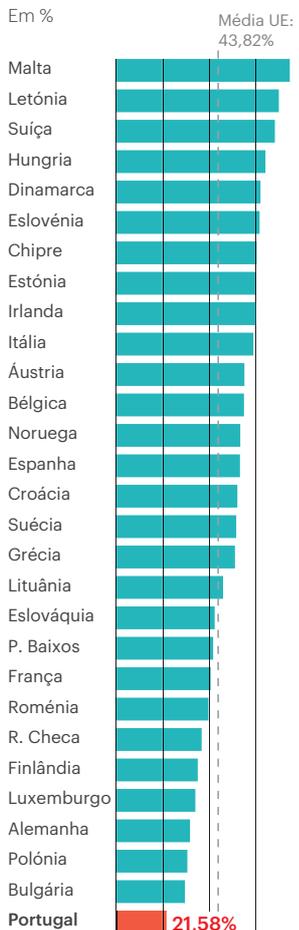
O indicador da alta satisfação assume diferentes pesos em cada um dos Estados-membros da UE, assim como na Noruega e na Suíça. Malta, Letónia e Suíça são os países onde se registam os valores mais elevados: mais de 65% dos entrevistados estavam “altamente satisfeitos” com o seu emprego. Em contraste com a média da Comunidade Europeia, Portugal tem menos de um quarto dos trabalhadores felizes com a sua profissão (21,6%). A maioria respondeu estar “mais ou menos satisfeita”, enquanto 10,6% das pessoas expressaram a sua insatisfação.

Esse valor mostra que Portugal é o país com a menor percentagem de trabalhadores muito satisfeitos comparativamente às restantes regiões. A vizinha Espanha, por exemplo, ultrapassa a média da UE: mais de metade dos entrevistados (54%) disse estar altamente satisfeita.

No indicador da insatisfação, o país volta a surgir nas piores posições. É o segundo da lista com a maior percentagem de trabalhadores insatisfeitos, tendo quase o dobro da média europeia (5,8%). É apenas superado pela Bulgária (11,8%). A Itália é o país com menor percentagem.

No ano em que os institutos nacionais de estatística de cada país realizaram o inquérito da satisfação em contexto profissional, o mundo laboral confrontava-se ainda com o “choque” da pandemia de covid-19. Mas, para Elísio Estanque, a insatisfação na região portuguesa “já era crescente desde a crise e o período da *troika*”. O investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra explica que a pandemia fez com que a insatisfação laboral se tenha “agravado significativamente”, uma vez

**Portugal é o país com a menor percentagem de trabalhadores muito satisfeitos**



Fonte: Eurostat PUBLICO

que “aumentou a precariedade e a instabilidade”.

Por seu lado, Ana Isabel Couto, investigadora do Instituto de Sociologia da Universidade do Porto, considera que há um assunto “imune” à questão pandémica e que é um “claro preditor” de um maior ou menor nível de satisfação: os baixos salários. Mas Portugal não é o país que paga os salários mais baixos da União Europeia. O problema, diz Ricardo Paes Mamede, reside também no poder de compra.



Mais de 197 milhões de trabalhadores na UE foram entrevistados sobre o nível de satisfação laboral

“O país tem salários médios que estão na cauda da Europa e o poder aquisitivo é muito baixo. Há países que têm salários médios inferiores em termos nominais, mas os custos de vida também são menores”, esclarece o economista ao reconhecer os salários como “motivo crucial” para a satisfação profissional.

Um “mecanismo político” realçado no relatório da Organização Internacional do Trabalho (*Trabalho Digno em Portugal 2008-2018: Da crise à recuperação*) é o do salário mínimo. Define um “padrão” salarial no país, e Gabriel Leite Mota considera a sua subida como “positiva”. Mas, novamente, há um problema. Existem “muitas pessoas a receber o salário mínimo ou pouco acima disso”, alerta o professor de Economia no Instituto Superior de Serviço Social do Porto (ISSSP).

Ainda que reconheça a importância dos salários, o presidente da Associação Empresarial de Portugal observa o cenário noutro sentido. “Importa realçar o salário líquido. Isto é, após dedução da carga fiscal, que, como bem sabemos, é relativamente elevada em Portugal. Isso tem implicações negativas na atracção e retenção de talento e, certamente, reflecte-se no menor grau de

satisfação no trabalho”, afirma Luís Miguel Ribeiro.

## Horas a mais e chefias

Mas há mais explicações que podem ajudar a entender esta baixa satisfação dos portugueses perante o trabalho, como os vínculos laborais. “São determinantes. Se uma empresa oferece vínculos precários, não se pode exigir à pessoa que esteja feliz no seu trabalho. Essa condição reforça o sentimento de insatisfação profissional”, avança a investigadora Ana Isabel Couto.

No entanto, para compreender o que afecta a generalidade dos trabalhadores, o economista Ricardo Paes Mamede vê outros “potenciais factores explicativos”, como o “número muito elevado de horas trabalhadas” e a qualidade da gestão.

“Uma das dimensões que os estudos internacionais referem, no caso português, é o enorme défice de competência de gestão de pessoas. Há uma grande incapacidade de ver as organizações como um conjunto de pessoas, em que o bem-estar deve ser respeitado”, sublinha o professor do ISCTE, que diz ver uma “tendência muito expressiva” de gestão em moldes “autoritários e funcionalistas”. Ao ter em conta os resultados do inquérito, Luís Miguel Ribeiro defen-

de a necessidade de uma “firme aposta” na valorização do capital humano como “activo estratégico das organizações”.

Por outro lado, os dados reunidos pelo Eurostat “não são uma surpresa” para a União Geral dos Trabalhadores (UGT). “Temos vindo a alertar para este desencantamento que os trabalhadores portugueses vêm demonstrando e que nos têm reportado”, explica a secretária executiva da central sindical, Vanda Cruz.

E o “desencantamento” é evidente nos profissionais com licenciaturas, mestrados ou doutoramentos. São os que menos expressam estar muito satisfeitos em comparação com outros países. Em mais de um milhão e meio de trabalhadores que seguiram os estudos após o ensino secundário, apenas 367 mil (23,8%) responderam nesse sentido. É um valor que contrasta em 57,4 pontos percentuais face à Hungria, onde a maioria dos empregados qualificados (81,2%) respondeu estar “muito satisfeita”.

Ao analisar quem assinalou estar pouco satisfeito com a condição profissional, as mulheres empregadas colocam Portugal nos lugares cimeiros. O país fica apenas atrás da Bulgária (12,1%). **Texto editado por Ivo Neto**

DIOGO BAPTISTA

Abrir portas onde se erguem muros

Director: Manuel Carvalho Segunda-feira, 6 de Março de 2023 • Ano XXXIV • n.º 11.997 • Diário • Ed. Lisboa • Assinaturas 808 200 095 • 1,50€



Atletismo Portugal fecha Europeus com três medalhas  
Desporto, 38



Em Banca  
Colecção Biblioteca P  
Vol. 1 - Contos do Gin-Tonic, de Mário-Henrique Leiria

Por+ 10,90€

# Empresas de água, luz ou gás vão ter de fazer lista das casas devolutas

Pacote de habitação determina “vistos gold” renovados se casas forem arrendadas ou ocupadas pelo dono

O pacote legislativo que o Governo apresentou para combater a crise da habitação vai criar o regime de arrendamento forçado e, simultaneamente,

o executivo vai legislar para que as empresas prestadoras de serviços essenciais (água, gás, electricidade e telecomunicações) passem a estar

obrigadas a comunicar aos municípios, anualmente, uma lista actualizada das casas onde não são detectados consumos e que, portanto, são

consideradas como estando desocupadas. Nos “vistos gold”, o Governo determina que só poderão ser renovados se os imóveis em causa estive-

rem arrendados para fins habitacionais, ou se estiverem a ser utilizados como habitação própria dos proprietários **Destaque, 2 a 5**

## China Meta de crescimento prudente e aumento do orçamento de Defesa



Na abertura do 14.º Congresso Nacional do Povo Chinês, o primeiro-ministro apontou um crescimento económico de 5% e

anunciou o aumento de 7,2% nas despesas militares para 2023. Consciente do impacto da pandemia e de outros “factores

internos e internacionais” na economia chinesa em 2022, Li Keqiang revelou ontem que as estimativas de Pequim ficam

ainda aquém dos 6% que tinham sido avançados nos últimos dias pela imprensa internacional **Mundo, 18**

## União Europeia Trabalhadores portugueses são dos mais insatisfeitos

Estudo mostra elevado grau de insatisfação e menos de um quarto dos trabalhadores contentes com os seus empregos **Economia, 22**

## Violência doméstica CES quer fundo na Segurança Social para apoiar vítimas

Sociedade, 13

## Lisboa Rosário decidiu arrendar os seus T4 a jovens por 550 euros

Dona de um prédio em Odivelas, Rosário Olaio achou que assim podia fazer “algo por eles”. É o seu “grão de areia” **Local, 16/17**